



DIRECTOR  
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

**O SECULO**

DE SANTA  
RITA



**A FLOR DA LUZ**

Por JAMES BROOK

Desenhos de CASTAÑE

A princezinha caíra doente. Mal misterioso a definhava, pouco a pouco. Vieram os físicos do reino, vieram os sábios, vieram peregrinos com as suas receitas milagrosas, vieram vagabundos sombrios e sempre tristes, trazendo nas sacolas flores misteriosas, cujo perfume, eles diziam ser o remédio para tantíssimas doenças—e nenhum deles, com suas estranhas receitas, trouxeram a cura à linda princezinha.

Desesperado, o rei mandou deitar pregão por todo o reino, oferecendo ao salvador da sua filha um prémio que ficaria à sua escolha.

Morava numa cidade um rapazito orfão de pai e mãe, cujo mister era o de servir, como o mais infimo criado, uns irascíveis senhores que o tinham escolhido na orfandade, encobrinde, sob



essa piedosa acção, o desejo sórdido de avarento que nele apenas vira o criado isento de remuneração. Chamava-se ele Segisberto. Embora não amasse seus protectores, servia-lhes com zelo e dedicação. Mas o seu espírito irrequieto e ansioso por aventuras e perigos não se comprazia com aquela vida monotona e sempre igual. Por isso, quando ouviu o pregão dos arautos reais, estremeceu de dor e de alegre Esperança.

E' que ele amava, isto é, adorava como uma Divindade inacessível, a linda princezinha Guiomar, de cabelos mais loiros e brilhantes que fios de ouro puro, e de olhos mais azuis e mais doces que o azul dos céus. E o desejo de buscar, por qualquer modo, o meio de salvação, foi no seu espírito um agradável e imperioso dever.

E uma noite, quando procurava idealizar um plano de acção, apareceu-lhe a fada Esperança, que lhes disse: — «Sei que és bom, piedoso e reconhecido e por isso venho socorrer-te. Pratica três acções piedosas e justas e eu te darei o remédio para salvas a princezinha».

Sem mais delongas, ele partiu. Andara já durante dois dias e duas noites quando, numa manhã radiosa e fresca, foi parar à porta duma cabana, isolada no meio duma grande floresta. Bateu e não teve resposta. Abrindo-a, logo se lhe deparou, deitado por terra sem dar acôrdo de si, um pobre velho. Reanimou-o como ponde e ele depois de recuperar a fala, agradeceu-lhe os cuidados e disse-lhe:

— Uma árvore que eu estava a derrubar caiu de repente e prostrou-me no solo. Consegui arrastar-me até aqui, mas desmaiei logo em seguida.

— Penso que pouco mais tempo terei de vida.

Segisberto consolou-o como ponde. E o velho pediu-lhe para o não abandonar, pois mais fácil e mais leve lhe seria a morte, tendo a seu lado uma criatura que o amparasse no derradeiro momento. Segisberto acedeu, adiando por uns dias, semanas talvez, e sua jornada. Uma noite o velho morreu-lhe nos braços. Segisberto enterrou-o ao pé duma grande faia e pranteou-lhe a morte. E de novo empreendeu a marcha. Agora era um deserto intermimo, de areias escaldantes, esbraçadas.

Todo o dia ele caminhou. Quando a noite descia sobre a Serra encontrou arrastado pelo chão encandescido uma velhinha, andrajosa, quasi a morrer de sede e de cansaço. Em voz débil pediu-lhe água. E ele deu-lhe as últimas gotas do líquido que guardava adoradamente, não lhe tocando, ainda que a sede o tivesse apertado ferozmente. Eram o amparo da sua vida, agora tão preciosa, eram a continuação daquele empreendimento que, levado a cabo, com felicidade, salvaria a linda princezinha mas ela era uma velha e tinha mais precisão do que ele. E Segisberto despojou-se da sua água e do seu pão em favor da velhinha. E logo ela lhe contou como empreendeu aquela tormentosa jornada, guiada pelo desejo de ir ver uma filha, que ela soubera doente e que morava numa cidade para lá do deserto. E ele, dando-lhe o braço, caminhou pelo areal intermimo. Por fim ele teve que a levar nos braços. Mas o chão era agora

mais macio e o Sol tinha menos ardência. E quasi a succumbir, por um prodigioso esforço de vontade, chegou ás portas da cidade, onde extenuado, desmaiou ao lado da velhinha que há muito desmaicara. Recolhidos por almas piedosas logo restauraram as forças.

E, tendo encontrado a filha, já quasi sarada e rija, a velha lá ficou agradecendo com lágrimas de reconhecimento a piedade e a coragem de Segisberto.

E de novo ele se pôs a caminho. Uma grande tristeza invadiu-o. Pois quê?! — Tanto tempo decorrido e nem sequer uma só das três acções que eram necessárias cumprir, ele cumprira?! Fizera o seu dever é certo, fôra útil e fôra prestável! E isto era já uma recompensa, era já um estímulo... Mas, mais nada. Verdade é que ele não imaginava como deviam ser as três acções que teria de praticar... Talvez qualquer coisa de tão alto e tão santo que ás almas escolhidas e virtuosas, seria dado praticar.

Aprensivo mas não desanimando, foi andando. E, numa tarde morna e calma, foi parar ás portas duma grande cidade, onde reinava uma grande agitação... Logo o informaram...

O rei daquelas terras era um senhor despótico e cruel. Como naquele ano os campos não produzissem nem uma mancha de grão, e fôsse por todos os lares uma grande tristeza com a perspectiva da fome e das doenças, ninguém pudera pagar ao rei a contribuição a que ele os obrigava. E logo o senhor surdo a todos os protestos e às vozes clamantes de piedade, ordenou que os soldados percorressem todas as casas, obrigando os seus moradores a pagar. Mas não havia com quê!...

E então os soldados tiveram ordem de espancar, castigar, assassinar, os míseros, até eles lhes entregarem o valor correspondente ao imposto de cereal ou esse mesmo cereal da contribuição. Já havia mortos. Um princípio de revolta agitou surdamente o povo. E uma grande catástrofe parecia estar prestes.

Segisberto inteirado de tudo, subiu a um alto, e, dirigindo-se aos soldados, falou-lhes.

A sua voz forte, máscula, bem timbrada, resoava no ar, indignadamente:

— «Eles, soldados, tinham uma família e tinham um





lar. Só por uma obsecação de disciplina, não davam conta da iniquidade que praticavam. E fez-lhe ver como vã e irrisória era essa cadeia que os ligava ao Senhor, essa cadeia que os tornava maus e perversos, somente por esse Senhor que eles serviam ser mau e ser perverso,

— Vós, que sois hoje soldados, por ordem do rei assassinais este Povo, que não pode pagar esse duro imposto pois morre à mingua de sustento; sois soldados; mas se o não fôsseis, outros o seriam; e esses que o fôsem cumprindo essas mesmas ordens como vós cumpris, a vós, que então serieis iguais a esses desgraçados, maltratar-vos-iam assim como os vossos pais e vossas irmãs, pela mesma razão que vós agora o fazeis. . . Então compreendereis essa grande injustiça e como estes míseros sereis levados à revolta? E porque não avaliais essa acção iníqua, agora que só por acaso sois soldados?»

E, continuando, mostrou-lhes o sofrimento desses desgraçados que não tinham sequer com que se alimentar. . . E termina apelando para os seus corações, que eram de homens, iguais ao dele, iguais aos de todos.

A soldadesca que o ouvia, de má cara ao princípio, mostrava-se perplexa e pensativa no final.

Por fim, atirando ao chão com as armas, exclamou: — Deixaremos, de hoje em

diante, de ser soldados desse rei». E logo confraternizaram com outros homens. . .

Seguido duma tuba que o elegera seu representante, Segisberto chegou ao palácio do rei. . . Pediu para lhe falar. Ele, atemorizado, acedeu. Mas quando Segisberto lhe disse ao que vinha, o rei enfureceu-se e quiz mandá-lo matar. Contudo já não encontrou quem lhe obedecesse. A revolta era geral. Os soldados que o tinham acompanhado tinham feito, dos seus companheiros do palácio seus partidários. Os fidalgos anciavam por se livrar de tão perverso senhor. E, logo, no dia seguinte, levando-o para fóra da muralha, deram-lhe mantimentos e dinheiro e o expulsaram do reino. O Povo num só grito, declarou Segisberto o sucessor do rei deposto. E este para serenar o entusiasmo e não querendo ofender os seus amigos, aceitou, ou antes, fingiu aceitar. E logo nesse dia mandou distribuir por os mais necessitados grande quantidade de grão, de que os celeiros do castelo estavam repletos.

Ja em toda a cidade uma alegria indescritível. E uma voz blandiciosa falava-lhe, misteriosamente, aos ouvidos;

— «Vês como fostes sábio, justo e bom! Todo o povo te adora. Para que correr aventuras inglórias e improficuas se neste reino te espera a glória, a fama, a riqueza, a felici-





dade, uma vida sem mácula e pura e uma velhice tranquila e serena?! Queda-te aqui, que este é o reino da Ventura e da Glória!»

Mas Segisberto não quis ouvir esta voz traiçoeira. O seu destino era outro. O seu caminho continuava para diante, para além... E nessa noite depois de falar com os conselheiros, e de lhes propôr para seu substituto um deles, que ele reconheceu ser um digno e virtuoso homem, abalou da cidade. Era de noite. E, de repente, quando seguia por um caminho orlado de silvas e tójo, apareceu na sua frente um clarão e uma voz ao mesmo tempo lhe dizia: — «Segue-me!»

Deslumbrado ele seguiu atrás desse clarão que, era agora, um ponto luminoso, uma estrelinha que descera dos ceus a guiar-lhe os passos incertos, nos ásperos caminhos da terra. Andou, andou, sem dar conta de pisar o chão, alheado de tudo, alheado de si mesmo.

Ja num deslumbramento interior, e a sua alma era como uma chama de fogueira alta. De súbito fez-se dia. Ouviu passaros a cantarem doces canções, inebria-o o perfume de flores, e os seus olhos beberam com delícia e original Alegria, a luz forte do Sol.

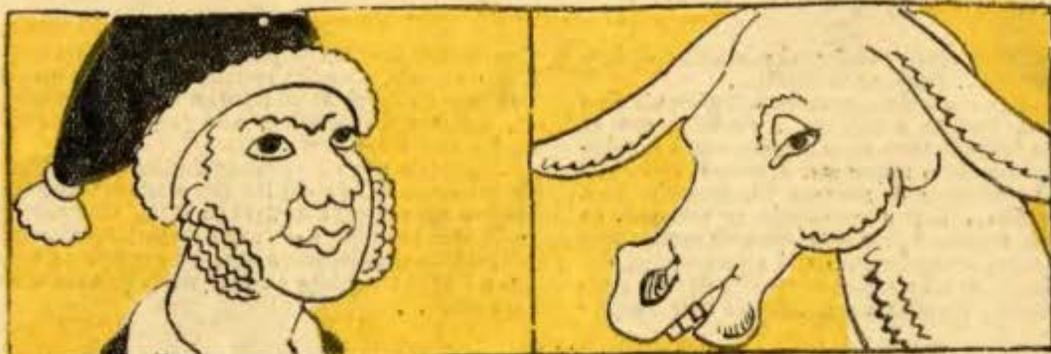
Então cheio de surpresa, reconheceu a cidade onde nasceu, e donde partira para a jornada incerta. E logo lhe apareceu a fada Esperança e lhe entregou uma flôr, que era a mais estranha e a mais linda, que quantas os seus olhos conheceram...

E sorrindo-se para ele, envolvida pelas scintilações dessa luzinha que o guiara, desapareceu, espaço fóra, subindo, subindo, até que essa luz se quedou pequenina e brilhante. E no meio de tantíssimas estrêlas, seus olhos para sempre a ficaram conhecendo.

Ja no palácio real uma grande desolação... A princezinha morria... No seu quarto juntava-se uma grande multidão de pessoas, entre as quais o rei, desesperado, se quedara assente sobre o cadeirão de espaldar, junto do leito da

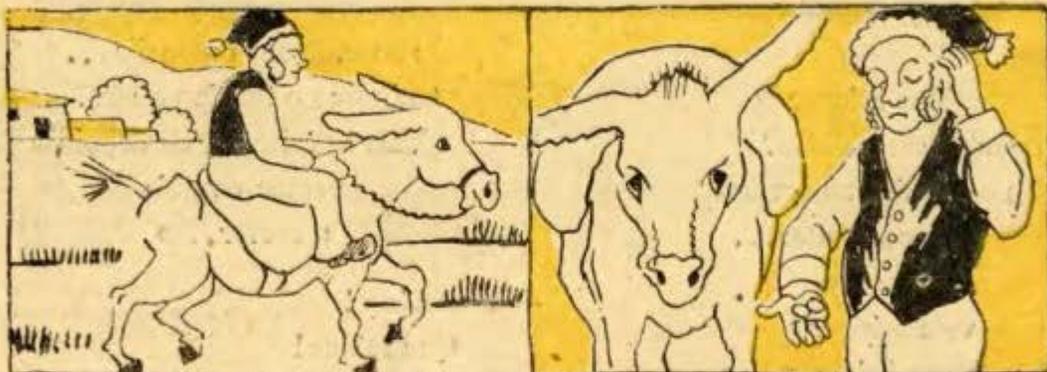
(Conclui na página 6)

# ESPERTEZA SALOIA



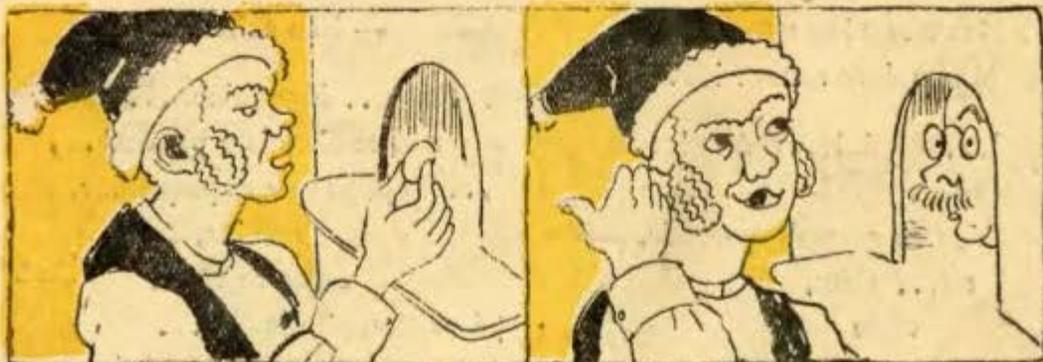
O Zé Maria Maloio,  
um tanto ou quanto casmurro,  
era um pacóvio, saloio  
que de seu só tinha um burro.

Precisando, de ir fazer  
certa viagem, então  
montou no burro a correr  
e dirigiu-se à estação.



Tac-tac pelo caminho,  
Zé Maria vai contente,  
em cima do seu burrinho,  
encanto de toda a gente.

Mas, por azar financeiro,  
êle, viu, com ar casmurro,  
que apenas tinha o dinheiro,  
para o bilhete do burro.



Na bilheteira, a tremer,  
diz, com modo natural:  
— «Faz favor de me vender  
o bilhete do animal.»

Mas, volve-lhe o empregado:  
— «E' para si?» — «Eu explico,  
(responde êle). Vou montado  
em cima do meu gerico.»

# A FLOR DA LUZ

(CONTINUADO DA PÁGINA 4)

doente... Remédios, resas, orações, charlatanices de bruxos e de feiticeiras... Nada, nada valera...

Nisto, um moço mal trajado, mas irresistivelmente simpático, afastou, sereno e resoluto, a multidão que se comprimia em redor do leito, onde a princezinha agonizava, e sem que ninguém o impedisse, acercou-se do leito, e chegou ao rosto pálido da doente uma flôr desconhecida e bizarra de forma... Logo a moribunda se soergueu, da cama, olhando, risonha e tranqüila, para os rostos atônitos, surpreendidos, estupefactos, quasi aterrorizados, dos que a cercavam. E, de tal maneira cómica lhe deviam parecer essas mascaras, agora, mais sorridentes e mais espan-

das, esses esgazes ora trágicos, ora alegres, em que a Alegria, o espanto, a dúvida se misturavam em repelões descontinuos e súbitos, de tal maneira lhe devia parecer cómica, que irreprimivelmente, uma gargalhada, sincera, fresca, lhe brotou dos lábios.

Segisberto não quiz nenhuma recompensa. Mas a melhor recompensa de todas lhe deu o rei, reconhecido, educando-o nas maneiras fidalgas da corte, estimando-o como se elle fôsse seu filho, e — «suprema e inefável recompensa» — consentindo naquêle idílio ingenuo, candido e sincero, em que a linda princezinha e o corajoso Segisberto enlaçavam suas almas...

F I M

## Bébé tem razão

— Ó mamã,

vamos brincar

ao jôgo das escondidas?

Eu tenho as cordas compridas  
pra depois irmos saltar...

Anda, mamã,

vem brincar,

senão eu faço beicinho...

— « Anh?!... »

que dizes tu, filhinho?!...

Eu, brincar

como um bébé?... »

... Mas o menino não vê

que eu já não devo saltar?!... »

— « ... Anh!... Anh!... Anh!... »

Anda, mamã...

vem comigo ao esconde, esconde,

alí... além,

onde

nós

e a tia

Guia

tambem

merendámos outro dia...

Anda que o menino quer...

Vais tu à frente, eu depois,

vamos os dois

a correr... »

— Ó menino!

Que rabino!

Que ideia

feia

que tem!... »

Uma mamã a pular,

a saltar?! »

— Não acho bem! »

— « ... Mas... Mamãzinha... afinal,  
não te disse isto por mal... »

... Eu julgo que és pequenina,

menina,

como se vê... »

— ¡ A saínha, p'lo joelho...

e o cabelinho cortado!...

cortado

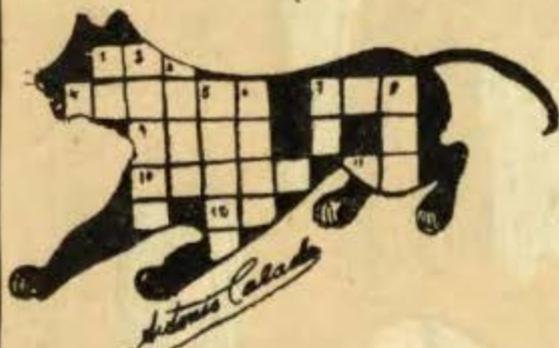
como o Bébé... »

# HORA DE RECREIO A DIVINHA

## PALAVRAS CRUZADAS

### O TIGRE

Dedicado a Darwin G. Monteiro



#### HORIZONTALMENTE

1. Sem ninguém — 4. Jornal — 7. Embocadura dum rio — 9. Artigo indefinido — 10. que perdeu a razão — 11. Nota musical — 12. Batráquio.

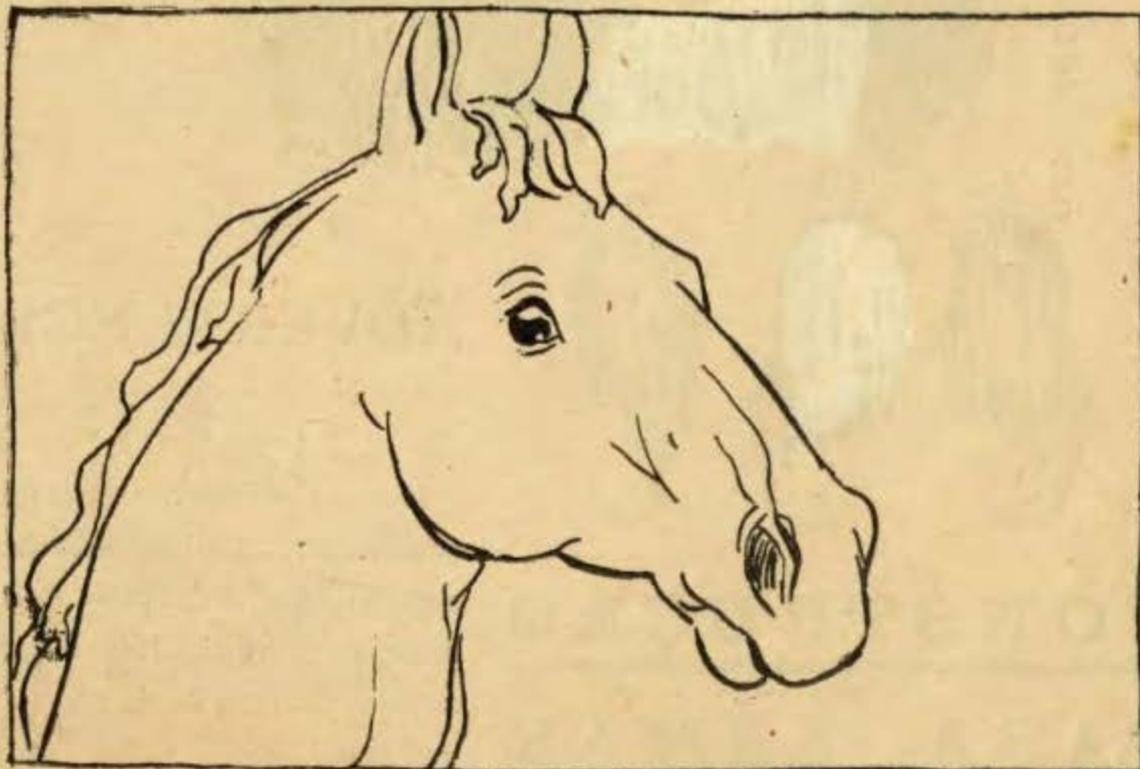
#### VERTICALMENTE

1. Templo — 2. Instrumento para a vista — 3. Suco vegetal de frutas — 5. Nome de mulher — 6. Nome Romano da cidade de Huesca — 7. Parte dum barco — 8. Fileira.

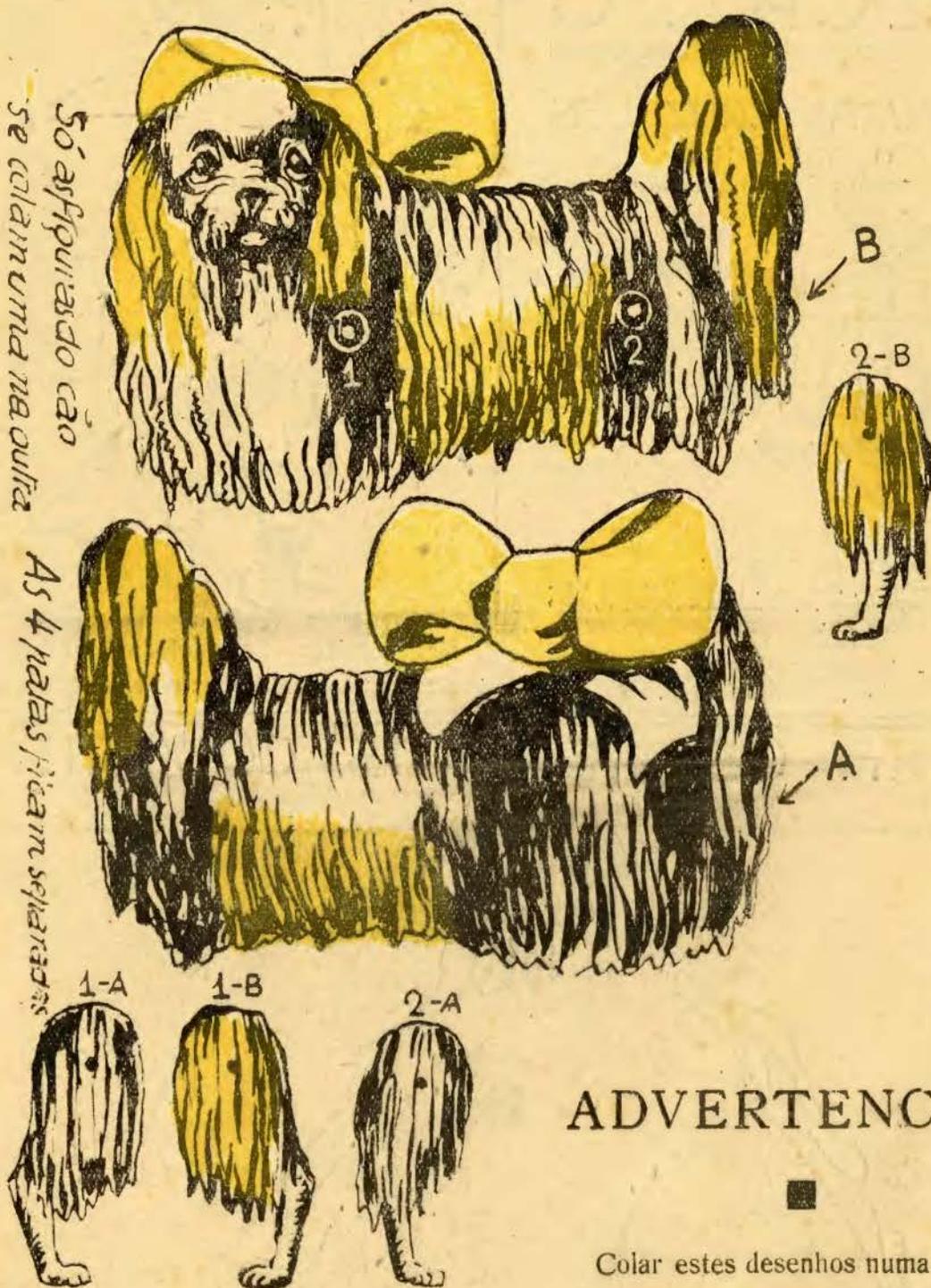


Meus meninos — Se querem ver o brinquedo que este menino transporta, unam cruces com traços.

## PARA OS MENINOS COLORIREM



# TÓTÓ um dos amigos de MIMI



## ADVERTENCIAS

■

Colar estes desenhos numa folha de cartolina e recortá-los. Pintar de preto a parte posterior das patas. Enfiar um cordel pelos orifícios indicados, unindo as patas por meio de um nó.

**CONSTRUÇÃO**

---

**PARA ARMAR**